



PATRÍCIA DI LORETO: "ALEGORIA REAL DE TRÊS ANOS NA VIDA DE UMA ARTISTA"

LUCIANE R. N. GARCEZ
SANDRA MAKOWIECKY

ARTIGO

PATRÍCIA DI LORETO: “ALEGORIA REAL DE TRÊS ANOS NA VIDA DE UMA ARTISTA”

A artista argentina propõe uma revisão de sua poética antes e durante a pandemia, perceptível de maneira sutil em suas telas, cujo colorido pungente é uma marca importante em seu trabalho.

**LUCIANE R. N. GARCEZ
SANDRA MAKOWIECKY
ABCA/SANTA CATARINA**

Neste texto, propomos um olhar mais especulativo sobre a exposição intitulada “Alegoria Real de três anos na vida de uma artista”, da artista argentina Patrícia Di Loreto, no Museu da Escola Catarinense, MESCUDESC, realizada nos meses de agosto e setembro de 2022, na qual podemos testemunhar a permanência da pintura em que revela as subjetividades do processo, com a curadoria de Luciane Garcez e Sandra Makowiecky.

O título se refere a uma obra do pintor francês Gustave Courbet (1819-1877), “O estúdio do pintor: uma alegoria real que resume sete anos da minha vida moral e artística” (1854-5), na qual Courbet representa seu ateliê com os personagens emblemáticos que figuraram ao longo de suas pinturas, contando uma história de vida artística em uma imagem a ser desvendada pelo espectador, posto que o próprio título indica: são alegorias. Temos então uma dupla referência já no título da exposição de Patrícia: um artista reconhecido na história da arte, Courbet, que evoca em pintura um período importante em sua vida, os 7 anos mencionados,

no seu ateliê. Em Patrícia, há menção aos 3 anos em que se vive o evento da pandemia pelo Covid 19, cujos desdobramentos podemos ver nas pinturas desse período deixando que o ateliê tomasse conta de sua residência, fazendo com que as composições evocassem sua vivência cotidiana e as pesquisas à que a artista se dedicou.

É sabido que o período pandêmico influenciou a todos, democraticamente, interferindo em todos os setores da vida. E na arte não foi diferente. A exposição é então dividida em dois momentos: pinturas de um mundo onde o convívio social era prolífico, e pinturas onde a pandemia impôs o isolamento e as mudanças de comportamento, criando um cenário inédito em nosso cotidiano.

Patrícia propõe uma revisão de sua poética antes e durante a pandemia, perceptível de maneira sutil em suas telas, cujo colorido pungente é uma marca importante em seu trabalho. Ao passearmos pela exposição, fica claro que a artista não somente mudou seu repertório pictórico ao

montar cenas mais intimistas, cada vez menos povoadas, mas também veio modificando sua paleta de cores. Dos vermelhos e amarelos, característicos em suas telas, a artista foi migrando para azuis e verdes, algo que ficou evidente vendo o conjunto de obras dispostos no museu.

Sua trajetória artística revela um mundo de narrativas que engendraram relações interpessoais em cenas que convidavam o espectador a participar de diálogos que se desenrolavam em ambientes por Patrícia, com formação em arquitetura e urbanismo, cujas referências não negam sua experiência passada em cenografia. Parte de seu material de produção pertence a esse processo teatral, Patrícia usa como base para seus desenhos o papel que é característico dos cenários teatrais portenhos, onde a artista engendra figuras humanas nas mais variadas posturas e situações, reminiscências de suas experiências no teatro Colón em Buenos Aires, onde trabalhou efetivamente na criação de cenários.

Com tal pluralidade de vivências profissionais, não é surpresa que

suas pinturas ofereçam um cenário vasto em referências, como a atenção dada ao mobiliário apresentado na composição, assim como o cuidado na criação do ambiente onde a cena acontece. Patrícia coloca de forma tangencial peças de mobília que ganham importância dada a atenção que a artista confere às formas e cores de cadeiras, especialmente, evidenciando seu passado em arquitetura de interiores. Nessas cenas, a mobília ganha importância, mas não se revela como o foco da cena. Cabe ao espectador compreender os detalhes dos móveis criados por Patrícia, para mergulhar nesta pluralidade referencial que ela nos apresenta.

Nesta mesma teia de referências, sutis ou mais evidentes, temos menções diretas à história da arte, e essas são uma constante em seu processo, sejam revelações de esculturas que aparecem como parte da “decoração” de seus interiores, sejam telas que Patrícia coloca nas paredes dos ambientes que cria, cada obra trazendo um momento diferente da história. Ao olharmos suas telas,

passeamos igualmente por Goya, Picasso, Caribé (vide figura 1), entre tantos outros representantes da história da arte.

Na tela “Nova Aurora” temos uma viagem pelo tempo histórico e simbólico, além da referência a Caribé na tela que adorna a parede do fundo, na porção superior da pintura, vemos elementos que nos remetem a símbolos presentes na história da arte, especialmente a europeia renascentista. Patrícia compõe uma sala, com uma mesa oval, claramente a fim de indicar opulência, solenidade no encontro, cujo título indica uma reunião em que algo deve ser decidido, uma nova aurora de fato. Temos homens vestidos com roupas formais, representando aqueles que governam o mundo secular, o mundo onde habitamos. A figura masculina no primeiro plano está em pé e ocupa o espaço principal da composição, representando talvez a hierarquia máxima neste encontro. Apesar de que as cores ali lhe faltam. Seria uma referência ao governante máximo desta sociedade, a exemplo de pinturas onde o rei estaria enfatizado na cena?



Fig. 1: *A nova aurora*, Patrícia Di Loreto, 2012. Série *Alquímia*. Acrílica, óleo e papel cenográfico sobre tela. Díptico de 220x125cm cada. Foto: Carlos Pontalti.

Seria a escolha do desenho uma forma de evocar um fantasma da história, ao invés das cores sólidas, que

o colocariam no “nosso tempo”? A artista passeia pelos tempos, busca a história, e localiza sua poética



mesmo curiosas, se pensarmos no ambiente formal que se desenrola a cena. Observemos o casal ao fundo, à esquerda, que parece estar em um abraço amoroso, ou então as figuras imediatamente à direita, cujas vestimentas e posturas diferem da solenidade da situação apresentada. Talvez Patrícia queira representar, além das posições sociais e políticas vigentes, as relações sociais - e talvez culturais, posto que outros artistas permeiam suas obras - que existem em nossos meios.

Interessante perceber que em cada ambiente criado, Patrícia, na maior parte das vezes, oferece uma porta, uma janela, uma passagem, algo que dê a indicação de que a cena não termina ali, a pintura não limita ao ambiente mostrado, tem mais a acontecer, mas nos cabe aguardar o processo da artista que aos poucos nos revelará o restante do local representado, ou deixará ver o que está acontecendo nos outros cômodos,

os quais temos somente um vislumbre. Como podemos observar nas figuras 3 e 4, abaixo. Ambas as composições evocam situações de relações sociais em curso, um encontro entre amigos, um jantar, momentos em que as pessoas trocam, compartilham. Um ambiente foi criado pela artista, reminiscências de suas experiências em arquitetura. Em ambas as pinturas podemos perceber cadeiras especialmente pintadas, quase que modeladas, o olhar do designer de interiores não escapa, bem como outros artistas que visitam as cenas por meio das homenagens que Patrícia cria àqueles que enriquecem seu repertório. Mas fato é que Patrícia se expressa em meio a cenas que permeiam a interação humana, relações sociais, festas, jantares, diálogos dois mais variados, colocando em evidência a importância que a artista dá às pessoas e suas possíveis relações. Imaginamos uma artista sociável, festeira, alegre, comunicativa, a qual não se reprime em atestar sua

Fig. 2: *A nova aurora* (detalhe), Patrícia Di Loreto, 2012. Série *Alquimia*. Acrílica, óleo e papel cenográfico sobre tela. Díptico de 220x125cm cada. Foto: Carlos Pontalti.



Fig 3: *Los profetas*, Patrícia Di Loreto, 2013. Série *Meetings*. Acrílica, óleo e papel cenográfico sobre tela. 100x120cm. Foto de Carlos Pontalti.



Fig. 4: *Ministerio del amarillo*, Patrícia Di Loreto, 2015. Série *Rizomas*. Acrílica, óleo e papel cenográfico sobre tela. 100x145cm. Foto: Carlos Pontalti.

personalidade esfuziante em suas telas, seja pelas figuras humanas em posturas e roupas que as colocam em situações de desfrute social, seja pelas cores fortes e técnica variada da artista. Sua personalidade se reflete em suas criações. E o que dizer dos fantasmas que habitam suas obras?

A artista desenha no papel cenográfico a título de esboço. Depois disso tudo é possível. O desenho vira molde, *cartone*, inspiração, até fazer parte da obra efetivamente, sendo colado e

impermeabilizado na tela. A artista não deixa claro quais os critérios que lhe ocorrem ao escolher figuras que são deixadas no desenho primário, outras que a partir deste são modeladas em cores fortes, ou simplesmente recortadas e usadas partes de cada corpo, como vemos na figura 5, por exemplo. De certa maneira, não deixa de ser também uma reminiscência renascentista italiana, lembrando que os artistas do período, testemunhas de diversos processos arqueológicos que trouxeram ao mundo partes de estátuas e monumentos da Roma e Grécia clássicas, tinham partes destas esculturas armazenadas em seus estúdios a fim de servirem de inspiração, modelo, ou o que seja, para seus próprios trabalhos. Oficinas que guardavam braços, pedaços de pernas, algumas cabeças, mãos e pés em mármore, e que acabavam por aparecer tangencialmente em seus próprios desenhos e pinturas. Não seria este um tipo de processo similar que Patrícia faz? Cria seus moldes e modelos, e a partir destes, compõe suas cenas. Até que finalmente o próprio material primordial é

acolhido na obra.

Com um olhar mais atento, conseguimos divisar os materiais que Patrícia escolhe para cada pintura: tinta óleo, acrílica, vernizes diversos, pigmentos variados, pó de carvão, pó de ouro, pastel oleosos, colagens, desenhos a lápis e a cravão, enfim, a artista vagueia pelas materialidades sem distinção de hierarquias. O que dita o caminho matérico de suas obras é o efeito plástico que Patrícia busca. O fio que conduz e une isso tudo: pessoas que se relacionam num colorido contagiante, entremeados por uma arquitetura bem pensada, que ocasionalmente se torna tão importante quanto as pessoas ali representadas.

Até que chegamos na pandemia. Neste momento, as pinturas de Patrícia evocam o silêncio, o isolamento, entretanto, mesmo em cenários em que a figura humana desaparece, permanecem seus rastros, seus vestígios, não há solidão. A artista nos dá um vislumbre de sua própria rotina pandêmica, em meio a livros, estudos, pesquisas de outros artistas, e suas



Fig. 5: *Les demoiselles d'ille*, Patrícia Di Loreto, 2019. Série *Entre rojos y azules*. Acrílica, óleo e papel cenográfico sobre tela. 100x128cm. Foto de Carlos Pontalti.

próprias telas. É neste mundo que ela mergulha, e é este mundo que ela revela nas pinturas de 2020 em

diante. Um mundo povoado por suas referências, vestígios do tempo em que as relações eram físicas, agora

as relações são mais conceituais, estão no âmbito do virtual, portanto, suas cenas apenas evocam a presença humana.

A artista nos oferece momentos domésticos, quase que partilhando uma intimidade, que mesmo vazia, parece reveladora. Na tela “A vida privada também é pintura” (ver figura 6) Patrícia nos convida ao seu quarto. As únicas figuras humanas que a artista oferece são as que estão nas telas que adornam as paredes. E que de fato são as companhias da artista em momentos pandêmicos. Junto a seus companheiros teóricos, os livros e os artistas que habitam neles, as relações sociais se limitaram ao mundo virtual. Mesmo em uma vivência mais solitária, sem os encontros e as festas, as cores seguem vibrantes. Entretanto um detalhe aparece, e vai fortificando aos poucos. Até 2020, as pinturas de Patrícia passeavam muito mais pelos vermelhos e amarelos, fortes, marcando posição em sua paleta de cores; não que não existam ainda, mas agora, timidamente os azuis e verdes começam a despontar, como podemos ver abaixo, na roupa de



Fig. 6: *A vida privada também é pintura*, Patrícia Di Loreto, 2022. Série *Alegorias*. Acrilica, óleo e papel cenográfico sobre tela. 70x100cm. Foto: Carlos Pontalti.

cama, e nem toda ela, apenas parte que vai chegando da porção inferior da tela (vide figura 6). Vejamos também “Corona V” (vide figura 7), onde azuis potentes compõem o tapete em primeiro plano, e refletem mais sutilmente na pintura pendurada



Fig. 7: *Corona V*, Patrícia Di Loreto, 2020. Série *Alquimia*. Acrilica, óleo e papel cenográfico sobre tela. 130x100cm. Foto: Carlos Pontalti.

na parede da tela que enfeita a parede fictícia da pintura de patrícia. Quantos mundos e quantas temporalidades encontramos em um único exemplo!

Até que tomam lugar cativo, em

“Alegoria real de três anos na vida de uma artista” (ver figura 8), onde o amarelo está presente, na cadeira à esquerda - mais uma vez uma cadeira disputa o papel de protagonista da tela - mas ali é único, e vem talvez como o pigmento que junto ao azul, que faz o debruado da própria cadeira, forma o verde, cor que domina a composição. E, ao mesmo tempo em que os vermelhos, laranjas e amarelos escapam, temos o retorno da figura humana, que deste feita nos encara, tranquilamente, desafiadoramente. Quem tem a coragem de questionar sua presença? Dois anos após a pandemia, o mundo se revela presencial mais uma vez.

No contexto da pandemia, da experiência do trauma, da agonia, do desassossego, levantaram-se algumas questões. Casazza (2020) apontou, com certo didatismo, algumas destas questões, que destacaremos. Conhecer a si mesmo oferece armas poderosas que ameaçam o sujeito agindo no meio de uma pandemia em um local diferente e saudável, diz ele. A tarefa deixa de ser não contagiosa e passa a ser como preservar o ser humano diante da

ameaça carregada pelo mal-entendido quase coletivo sobre o escopo e o significado de viver em meio a uma pandemia. Para entender os múltiplos danos que a humanidade sofreu diante da ameaça de uma pandemia, é preciso cavar por dentro, olhar para dentro de si. Toda vida vale a pena, a dos mortos e a dos vivos. Juntamente com os cuidados pessoais, devemos cuidar da humanidade. É por isso que foi necessário, mesmo com as restrições da circunstância, apoiar todas as coisas boas da vida. Música, artes, todas as formas de criação também são formas de cuidado. O fato de as reuniões terem sido possíveis não implica que se devem encarcerar os vivos. Todas as experiências de alteridade levam ao aprendizado. A humanidade pode e deve aprender com essa nova experiência, mas deve escolher bem seus ensinamentos. Você pode aprender que nem sempre é necessário ir trabalhar em um escritório, ou que os sistemas de saúde e proteção social devem estar preparados para contingências inesperadas, ou que a riqueza não pode continuar a ser tão mal distribuída. O homem do presente



Fig. 8: *Alegoria real de três anos na vida de uma artista*, Patrícia Di Loreto, 2022. Série *Alegorias*. Acrílica, óleo e papel cenográfico sobre tela. Díptico de 120x100cm cada. Foto de Carlos Pontalti.

vive, em tempos de normalidade, como se os perigos não existissem. Essa ilusão dissolve-se em tempos de ameaça de pandemia, mas em sujeitos não treinados para compreender e viver à altura da vulnerabilidade da própria vida. Somente a compreensão da finitude do homem pode diminuir o mal-estar. A inquietação vem da ilusão de imortalidade que se

constitui em uma maquiagem, ciente de que a morte é o seu destino, mas também intuitivamente resistente a qualquer forma não absoluta de quietude. Por fim, diz o autor, que afora todos os cuidados, temos que tentar viver bem. Compreender o silêncio e a solidão pode ser um caminho e ele foi expresso nas obras de Patrícia Di Loreto.

REFERÊNCIA

CASAZZA, R. *Principios filosóficos para el sostenimiento de la vida feliz en medio de una amenaza de pandemia*. Buenos Aires: Colisión Libros, 2020

LUCIANE R. N. GARCEZ

Mestrado em Teoria e História da Arte, pelo PPGAV-CEART, UDESC, bolsista CAPES, sob orientação de Sandra Makowiecky. Doutora pela Université Aix-Marseille, França, na área de Estudos e Ciências da Arte. Pós-doutora na linha de Teoria e História da Arte, pelo PPGAV-CEART, UDESC; bolsista CAPES/ PNPd, sob orientação de Sandra Makowiecky. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte Seção Brasil Aica Unesco (ABCA); membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA/UNESCO); membro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP). Professora de Teoria e História da Arte, e de Cerâmica e processos artísticos.

SANDRA MAKOWIECKY

Mestrado em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina - graduação, mestrado e doutorado em Artes Visuais do Centro de Artes. Diretora do MESC - Museu da Educação de Santa Catarina. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte Seção Brasil Aica Unesco - ABCA. Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - AICA. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas - ANPAP. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de SC - IHGSC.